

# INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

ESTUDO SETORIAL



São Luís, 2021



**FEDERAÇÃO DAS INDÚRIAS DO ESTADO DO MARANHÃO - FIEMA**

*Edilson Baldez das Neves*

Presidente

*César Augusto Miranda*

Superintendente

# INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

ESTUDO SETORIAL



São Luís, 2021





# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. METODOLOGIA.....	8
2. CARACTERIZAÇÃO E ABRANGÊNCIA DO SETOR DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS.....	9
3. DINÂMICA DO SETOR.....	10
3.1 Tamanho dos Estabelecimentos.....	11
3.2 Grau de Industrialização.....	11
3.3 Evolução do Pessoal Ocupado.....	13
3.4 Produtividade Média do Trabalho na Indústria.....	15
3.5 Visão Desagregada do Segmento de Produtos Alimentícios.....	15
3.6 Dimensão no Contexto Nacional.....	17
4. PERSPECTIVAS PARA O CONSUMO DE ALIMENTOS.....	18
CONCLUSÃO.....	21



# INTRODUÇÃO

Com este estudo, dá-se sequência a uma série de documentos sobre setores industriais relevantes para o desenvolvimento do estado do Maranhão. Ao mesmo tempo em que apontam a dinâmica dessas atividades, espera-se que eles possam servir de subsídio na formulação de políticas públicas (de natureza econômica, social ou de infraestrutura) e, também, orientar a elaboração de planos de ação de entidades que compõem o Sistema FIEMA, num horizonte de médio e longo prazos.

# 1. METODOLOGIA

Consideram-se, para fins deste estudo, como relevantes aqueles setores que se destacaram em termos de Participação no PIB industrial, Pessoal Ocupado, Produtividade Média do Trabalho na Indústria e Grau de Industrialização, os quais apresentam vantagens absolutas ou relativas comparativamente à região Nordeste. Todas essas variáveis são avaliadas, principalmente, no contexto da Indústria de Transformação, mas, levando em consideração a importância da Construção Civil na realidade econômica do estado, este segmento será igualmente contemplado.

Definem-se, assim, como estrategicamente relevantes os seguintes segmentos industriais:

**TABELA 1 – SEGMENTOS INDUSTRIAIS ESTRATEGICAMENTE RELEVANTES PARA O ESTUDO**

SEGMENTOS	PARTICIPAÇÃO (%)		
	Nº UNIDADES	PIB TRANSFORMAÇÃO (2014)	EMPREGO
METALURGIA	1,6	34,9	8,7
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	19,5	10,4	21,9
BEBIDAS	1,8	14,9	8,4
CELULOSE, PAPEL E PRODUTOS DE PAPEL	4,8	16,9	3,5
MINERAIS NÃO-METÁLICOS	23,7	8,5	19,3
PRODUTOS QUÍMICOS	3,4	5,3	5,5
<b>TOTAL</b>	<b>54,9</b>	<b>90,9</b>	<b>67,2</b>

Fonte: IBGE (dados básicos) e FIEMA

A relevância dos segmentos desponta no quadro acima: concentram-se, neles, 90,9% do PIB da indústria de transformação, 67,2% do emprego e 54,9% dos estabelecimentos com 5 ou mais empregados.

Quanto à construção, sua inclusão está justificada no fato de ser ela responsável por metade do PIB industrial e elevada absorção de mão-de-obra notadamente de menor exigência de qualificação profissional.

## 2. CARACTERIZAÇÃO E ABRANGÊNCIA DO SETOR DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

De acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE 2.0, o segmento industrial “Fabricação de Produtos Alimentícios” é composto dos seguintes nove subsetores de atividade:

**TABELA 2** - COMPOSIÇÃO DO SEGMENTO FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS, SEGUNDO OS SUBSETORES DE ATIVIDADE

CNAE	DESCRIÇÃO DE SETOR E SUBSETORES
10	FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS
10.1	Abate e fabricação de produtos de carne
10.2	Preservação do pescado e fabricação de produtos do pescado
10.3	Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais
10.4	Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais (óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho; óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho; margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais)
10.5	Laticínios, abrangendo as unidades de preparação do leite, fabricação de laticínios, fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis
10.6	Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais (beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz; moagem de trigo e fabricação de derivados; fabricação de farinha de mandioca e derivados; fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleo; fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho; fabricação de alimentos para animais; moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente)
10.7	Fabricação e refino de açúcar
10.8	Torrefação e moagem de café; fabricação de produtos à base de café
10.9	Fabricação de outros produtos alimentícios (fabricação de produtos de panificação; fabricação de biscoitos e bolachas; fabricação de produtos derivados de cacau, de chocolate e confeitos; fabricação de massas alimentícias; fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos; fabricação de alimentos e pratos prontos)

Fonte: IBGE

É oportuno chamar a atenção para o fato de a preservação do pescado e fabricação de produtos do pescado ser uma das atividades componentes do gênero de Fabricação de Produtos Alimentícios. No entanto, quando se busca a sua mensuração estatística verifica-se ser uma parcela industrialmente insuficiente.

Apesar do Maranhão possuir a segunda maior costa litorânea do Nordeste, com extraordinário

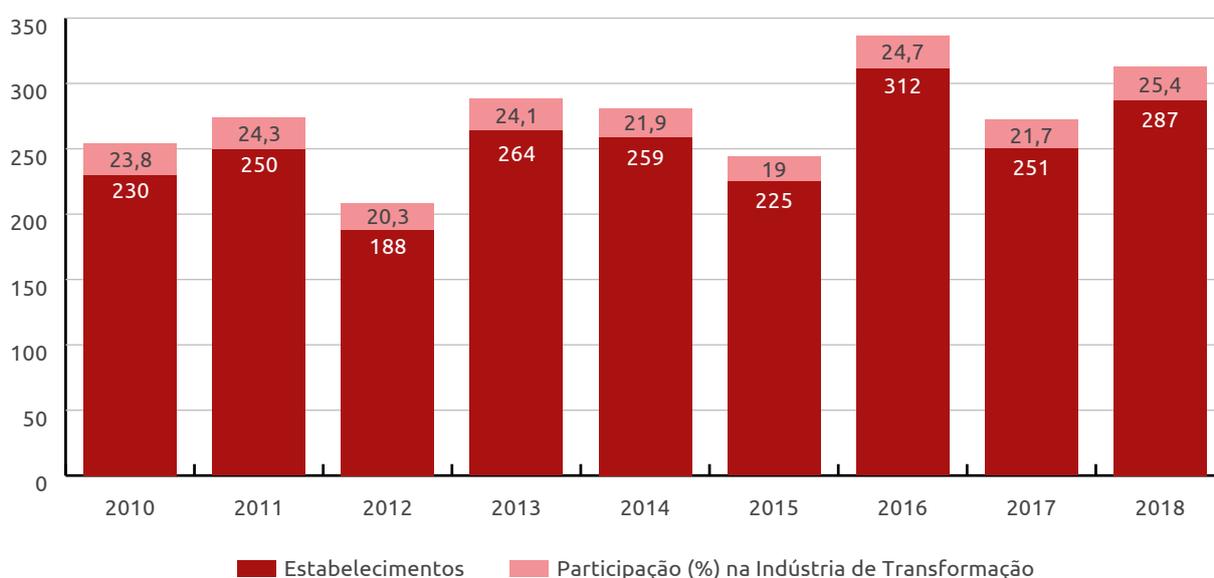
potencial pesqueiro, sua exploração é majoritariamente artesanal, desorganizada, sem controle e sem fiscalização. É insignificante a estatística da indústria de processamento de pescados.

### 3. DINÂMICA DO SETOR

A Fabricação de Produtos Alimentícios é uma das atividades industriais (Extrativa e Transformação) mais importantes na economia do estado do Maranhão. Ela compõe um segmento tradicional no setor secundário maranhense, com variados níveis tecnológicos, diferentes escalas de produção e presença marcante das micro e pequenas empresas.

Segundo o IBGE (PIA/Empresas), o Maranhão registrava, em 2017, um total de 287 estabelecimentos (com 5 ou mais pessoas ocupadas fabricantes de produtos alimentícios, 24,8% a mais do que em 2010, mas inferior em 25 unidades ao encontrado para o ano de 2016 (-8,0%). A expressividade desse gênero de indústrias está indicada no percentual de participação no total das indústrias de transformação do estado: 25,4%, valor acima da média de toda a série (22,8%).

**GRÁFICO 1** - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS (5 OU MAIS PESSOAS OCUPADAS) FABRICANTES DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS E SUA PARTICIPAÇÃO NO TOTAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO MARANHÃO, 2010/2018



No mesmo intervalo, o conjunto das indústrias de transformação elevou o número de estabelecimentos em 16,7%, oito pontos percentuais a menos do que a indústria de produtos alimentícios.

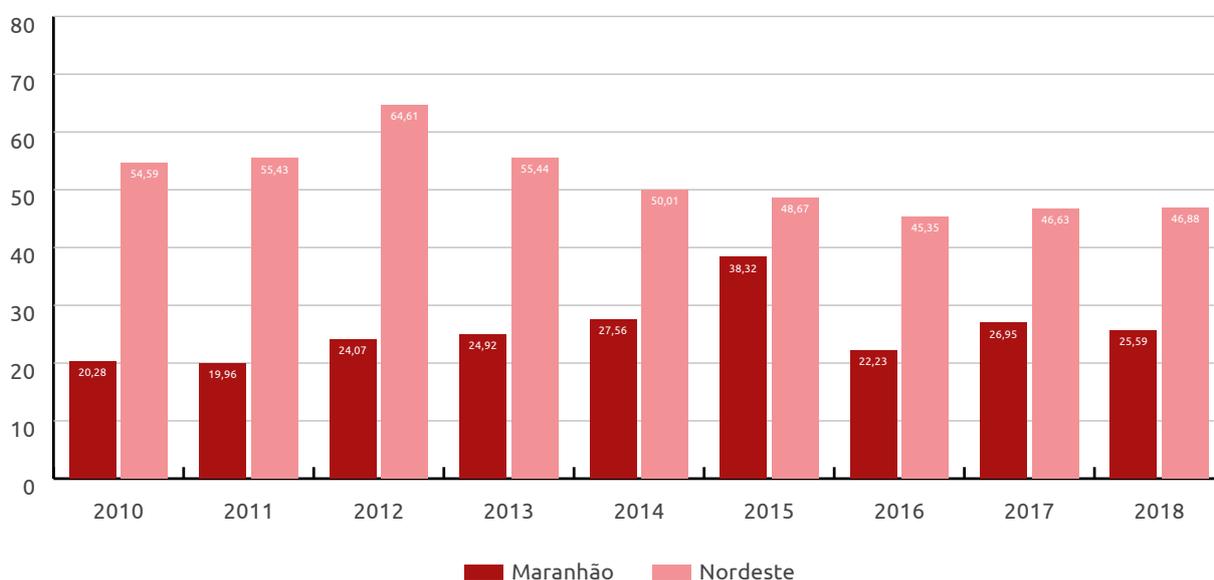
No Gráfico 1, fica exposta a sensibilidade desse segmento às flutuações macroeconômicas, com trajetórias oscilantes de altas e baixas, mas que, de certa forma, tem muita correlação com a dinâmica populacional.

### 3.1 TAMANHO DOS ESTABELECIMENTOS

Segundo dados do IBGE (Pesquisa Industrial Anual), as 287 unidades locais (estabelecimentos com 5 ou mais pessoas ocupadas) voltadas para a fabricação de produtos alimentícios respondem pelo emprego de 7.345 pessoas em 2018, representando um tamanho médio/estabelecimento de 25,6 trabalhadores, inferior ao Nordeste (46,9 pessoas/unidade).

Isto se verifica ao longo de toda a série estudada, mas é importante destacar que a distância entre Maranhão e Nordeste, nessa variável, tem sido reduzida. No período 2010/2018 o tamanho médio dos estabelecimentos de produtos alimentícios no Maranhão cresceu 26,2%, ao passo que, no Nordeste, houve uma queda de 14,1%, sinalizando o maior nível ocupacional no estado.

**GRÁFICO 2 - TAMANHO MÉDIO DOS ESTABELECIMENTOS (5 OU MAIS PESSOAS OCUPADAS) FABRICANTES DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS NO MARANHÃO E NORDESTE, 2010/2018**



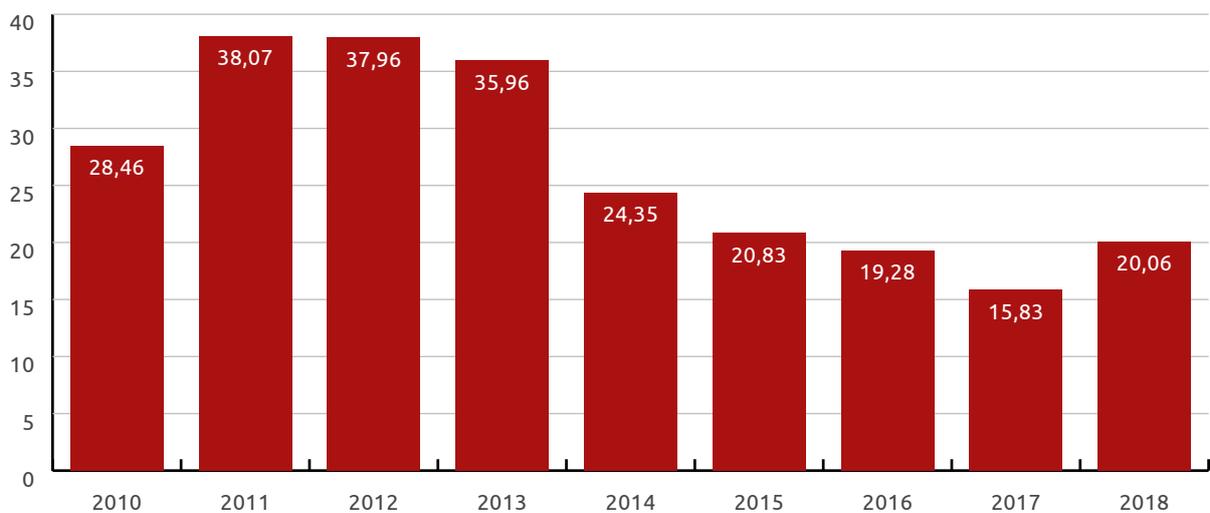
### 3.2 GRAU DE INDUSTRIALIZAÇÃO

Entende-se como Grau de Industrialização a relação entre o Valor da Transformação Industrial (VTI) de um determinado setor de atividades e o Valor Bruto da Produção Industrial, expressa na seguinte equação:

$$(\text{Grau de Industrialização})_i = (\text{VTI})_i / (\text{VBPI})_t$$

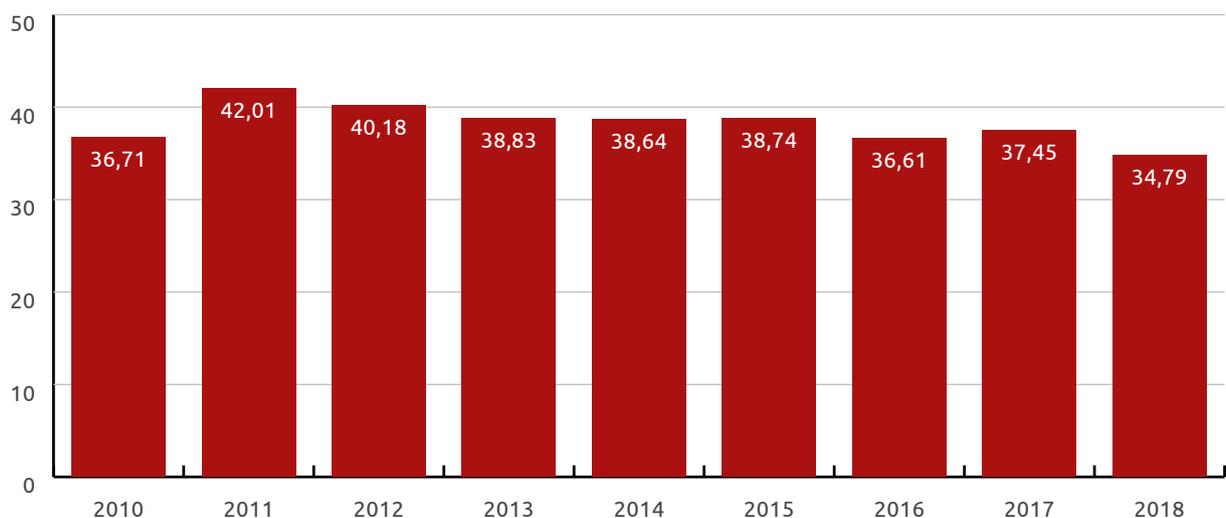
O Grau de industrialização deste segmento, calculado para o ano de 2018, corresponde a 20,1%, que é muito baixo se for levado em conta que, em 2011, esse índice alcançou aos 38,1%, apontando uma tendência seguidamente decrescente até 2017, mas iniciando uma recuperação no ano posterior (Gráfico 3). No Nordeste, o Grau de Industrialização dos Produtos Alimentícios ficou em 34,8% no mesmo ano.

**GRÁFICO 3** - GRAU DE INDUSTRIALIZAÇÃO DAS UNIDADES DE FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS, NO MARANHÃO, 2010/2018



Nesse gráfico fica exposta a sensibilidade da fabricação de produtos alimentícios às circunstâncias da conjuntura econômica, principalmente no intervalo 2014/2016.

**GRÁFICO 4** - GRAU DE INDUSTRIALIZAÇÃO DAS UNIDADES DE FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS, NO NORDESTE, 2010/2018



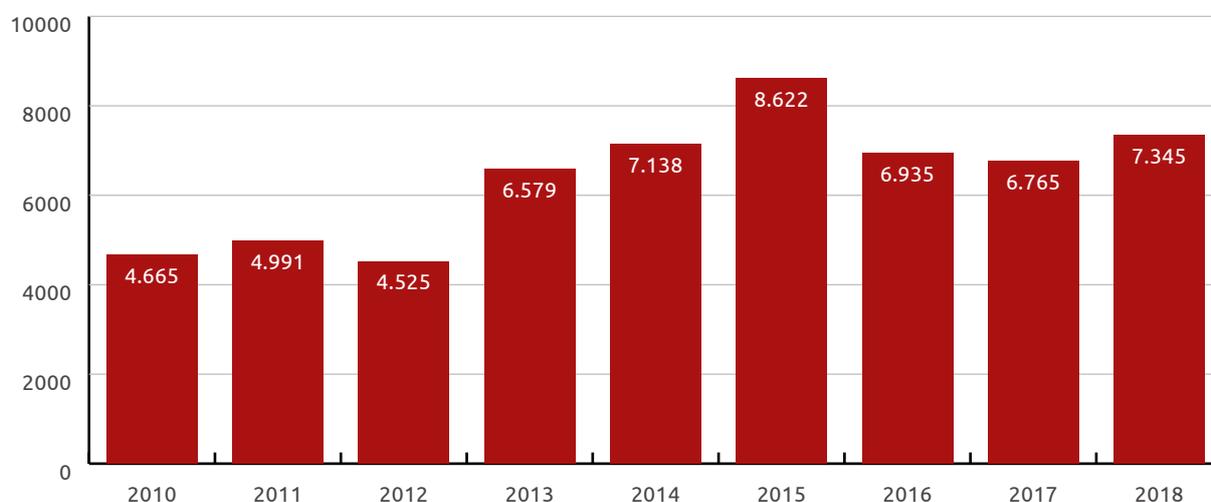
Na comparação com o Nordeste, que tem uma estrutura industrial mais diversificada por influência dos estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, a participação média dos produtos alimentícios na formação do VBPI no Maranhão é muito baixa (período 2014/2018) se for levado em conta, também, que entre 2011 e 2013 seus valores eram muito próximos. Reforça, assim, a ideia de como esse segmento industrial no estado se mostrou mais sensível à crise econômico-financeira iniciada em 2014.

O grau de industrialização no Nordeste se manteve com poucas variações.

### 3.3 EVOLUÇÃO DO PESSOAL OCUPADO

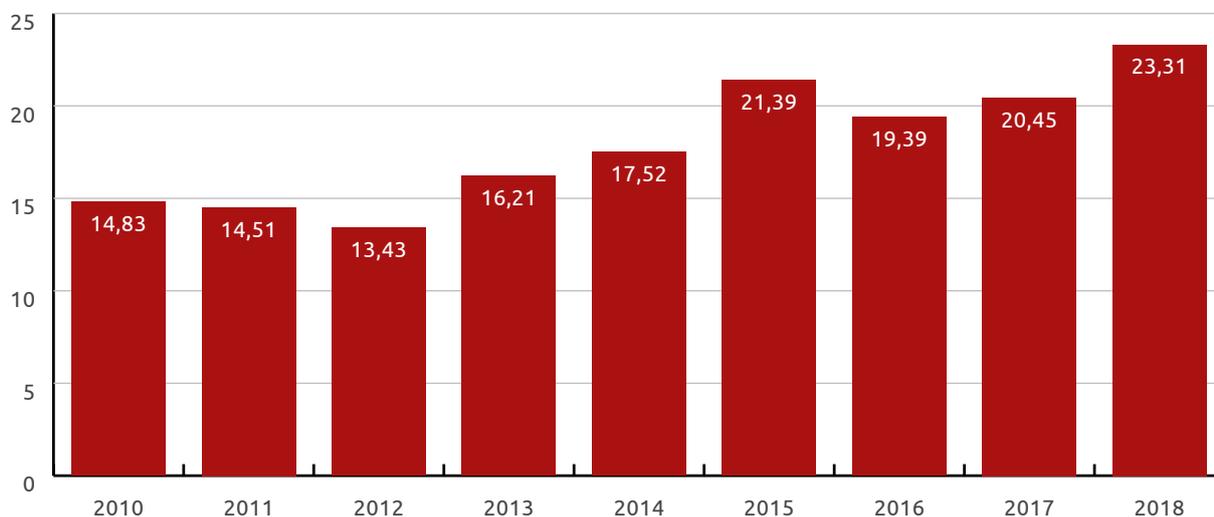
Ao longo do período em estudo, o emprego nas indústrias de produtos alimentícios se mostrou continuamente crescente até 2015, sofrendo os anos seguintes os efeitos da crise econômico-financeira de 2014/2016. Voltou a crescer novamente em 2018, alcançando um volume de emprego (nos estabelecimentos com 5 ou mais pessoas ocupadas) superior a 2014.

**GRÁFICO 5** - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE PESSOAS OCUPADAS NAS INDÚSTRIAS DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS (ESTABELECEMENTOS COM 5 OU MAIS PESSOAS), NO MARANHÃO, 2010/2018



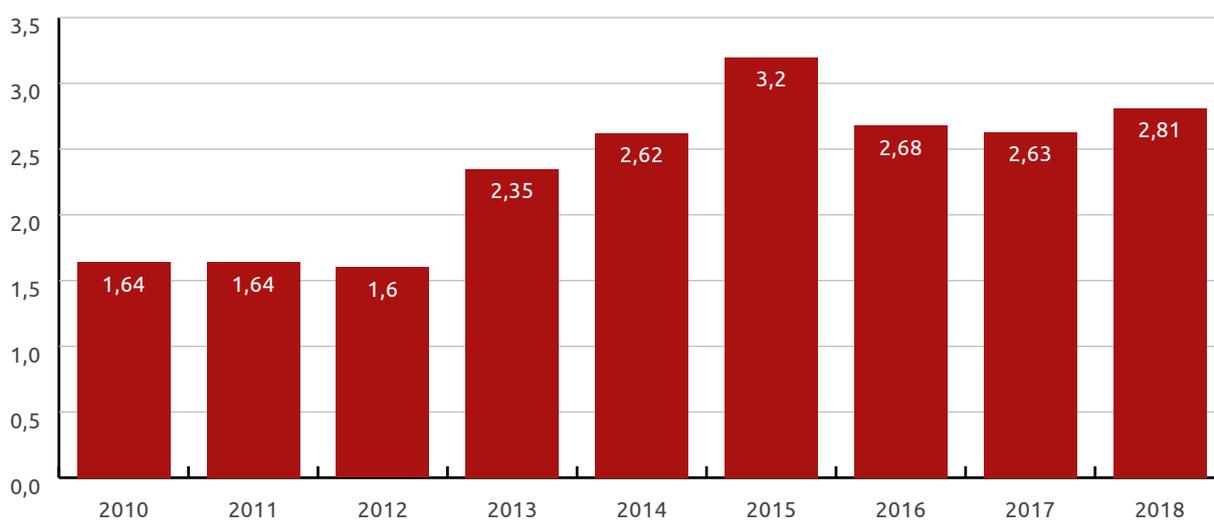
Nesse intervalo, mostrou uma tendência crescente no índice de participação do emprego no segmento industrial em relação ao conjunto da Indústria de Transformação, aumentando 8,48 pontos percentuais sobre o índice de 2010.

**GRÁFICO 6** - PARTICIPAÇÃO (%) DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS NO VOLUME DE EMPREGO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, NO MARANHÃO, 2010/2018



A participação do emprego nas indústrias de Produtos Alimentícios maranhense, em relação ao Nordeste (Gráfico 7), que era de 1,64% em 2010, subiu para 2,81% (depois de alcançar 3,20% em 2015), considerando-se aí somente os estabelecimentos com 5 ou mais pessoas ocupadas.

**GRÁFICO 7** - PARTICIPAÇÃO (%) DO VOLUME DE EMPREGO NAS INDÚSTRIAS DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS DO MARANHÃO EM RELAÇÃO AO NORDESTE, 2010/2018



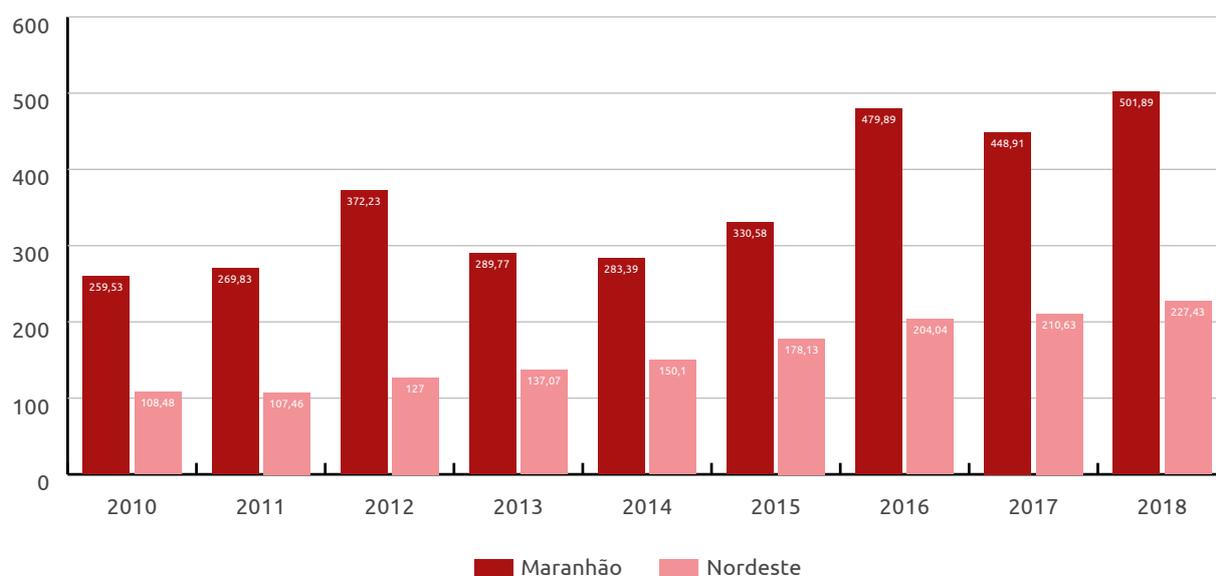
Enquanto o emprego nesse segmento, no Maranhão, crescia a uma Taxa Média de Crescimento Anual (TMCA) de 5,8%, no Nordeste ele caía 1,0% entre 2010 e 2018.

### 3.4 PRODUTIVIDADE MÉDIA DO TRABALHO NA INDÚSTRIA

Segundo os dados do IBGE/PIA, as indústrias que fabricam Produtos Alimentícios no Maranhão apresentaram uma Produtividade Média do Trabalho na Indústria na ordem de R\$ 501,89 mil/pessoa ocupada em 2018, mais que o dobro do valor registrado para as empresas da Região Nordeste, no mesmo período. Essa diferença pro-Maranhão se manteve praticamente em todos os anos da série.

No entanto, o incremento entre os anos inicial e final da série foi maior na região nordestina (118,9% nominais) que na PMTI do estado do Maranhão (93,4%).

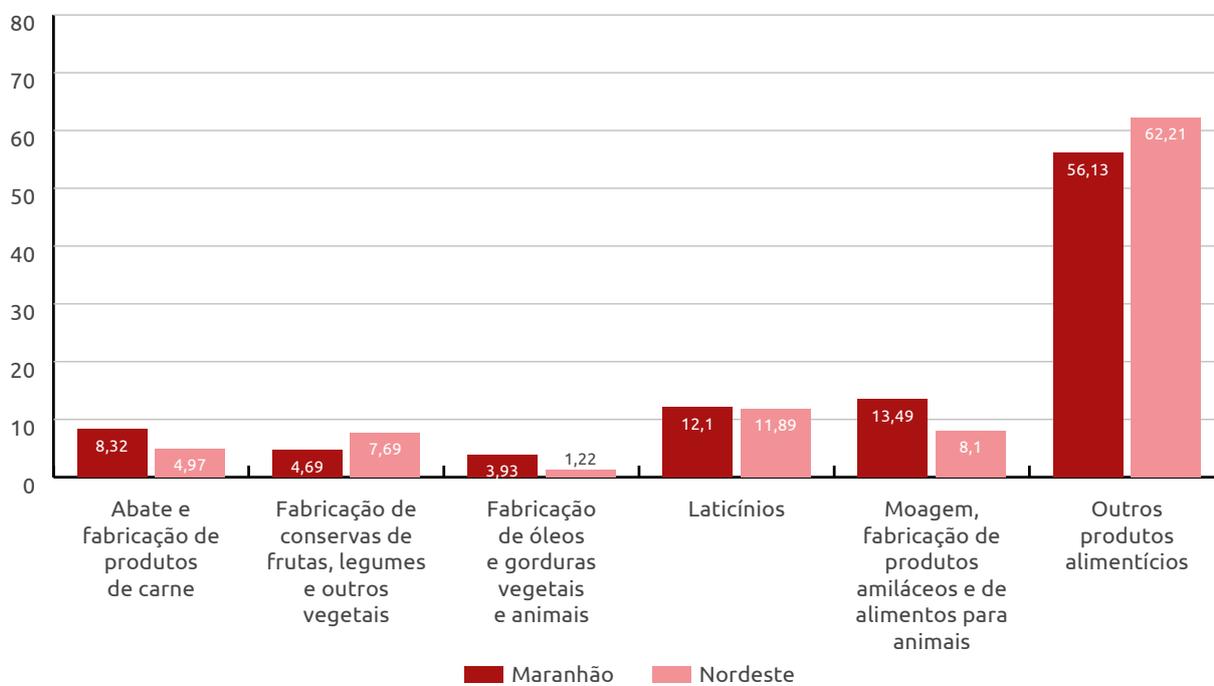
**GRÁFICO 8** - PRODUTIVIDADE MÉDIA DO TRABALHO INDUSTRIAL (R\$ MIL), NOS ESTABELECIMENTOS COM 5 OU MAIS PESSOAS OCUPADAS NA FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS, NO MARANHÃO E NORDESTE, 2010/2018



### 3.5 VISÃO DESAGREGADA DO SEGMENTO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

Internamente ao setor de Alimentos, sobressaem os estabelecimentos fabricantes de Outros produtos alimentícios, tanto no estado, quanto na região nordestina, com 56,1% e 62,2% do total, respectivamente. Na sequência, aparecem as unidades de Moagem e fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais (13,5%), Laticínios (12,1%) e Abate e fabricação de produtos de carne (8,3%), conforme Gráfico 9.

**GRÁFICO 9** - COMPOSIÇÃO (%) DOS PRODUTOS ALIMENTÍCIOS SEGUNDO OS SEGMENTOS PRINCIPAIS, NO MARANHÃO E NORDESTE, 2010/2018



Juntos, estes subgrupos de atividade respondem por 90,1% do volume de pessoal ocupado, sendo, assim, mais empregadoras no estado, relativamente ao Nordeste (87,2%). Esta região sobressai na fabricação e refino do açúcar, em que emprega mais 33% do emprego no segmento de produtos alimentícios.

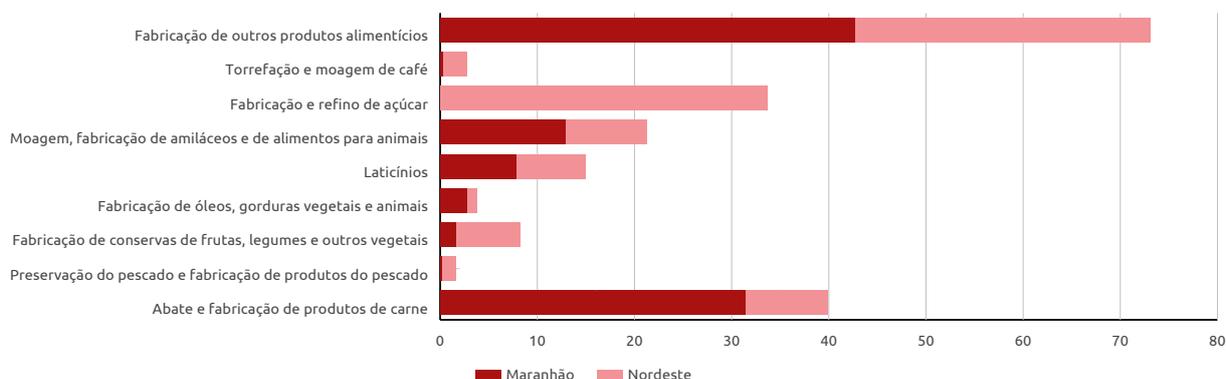
As unidades fabricantes de Produtos Alimentícios geraram, em 2018, no estado, uma massa de remuneração (salários, retiradas e outras formas de remuneração) na ordem de R\$ 147,5 milhões, equivalentes a 12,2% do montante pago no Nordeste.

Juntos, "Outros produtos alimentícios", "Moagem e fabricação de amiláceos e alimentos para animais" e "Abate e fabricação de produtos de carne" respondem por 89,5% do total da massa de remunerações pagas pelas empresas fabricantes de alimentos no estado, percentual que é quase o dobro daquele pago na região Nordeste (49,1%).

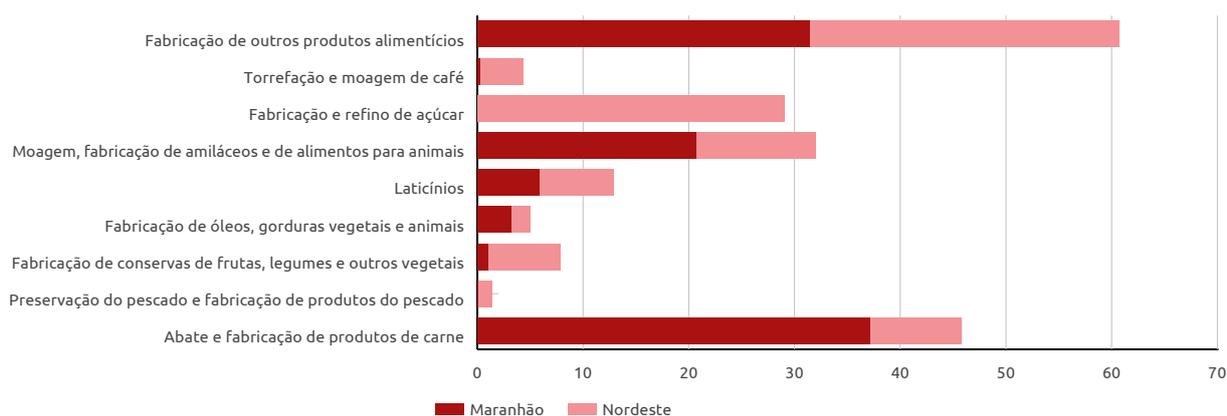
As empresas fabricantes de Laticínios, por sua vez, têm menor participação (5,9%) no total da massa de remuneração gerada em todo o segmento de produtos alimentícios, no estado, relativamente ao Nordeste (7,0%), situação oposta à encontrada para os indicadores número de estabelecimentos e volume de pessoal ocupado.

Os gráficos seguintes mostram o destaque do Maranhão, relativamente ao Nordeste.

**GRÁFICO 10** - DISTRIBUIÇÃO (%) DO VOLUME DE PESSOAL OCUPADO NAS INDÚSTRIAS DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS NO MARANHÃO E NORDESTE, 2018



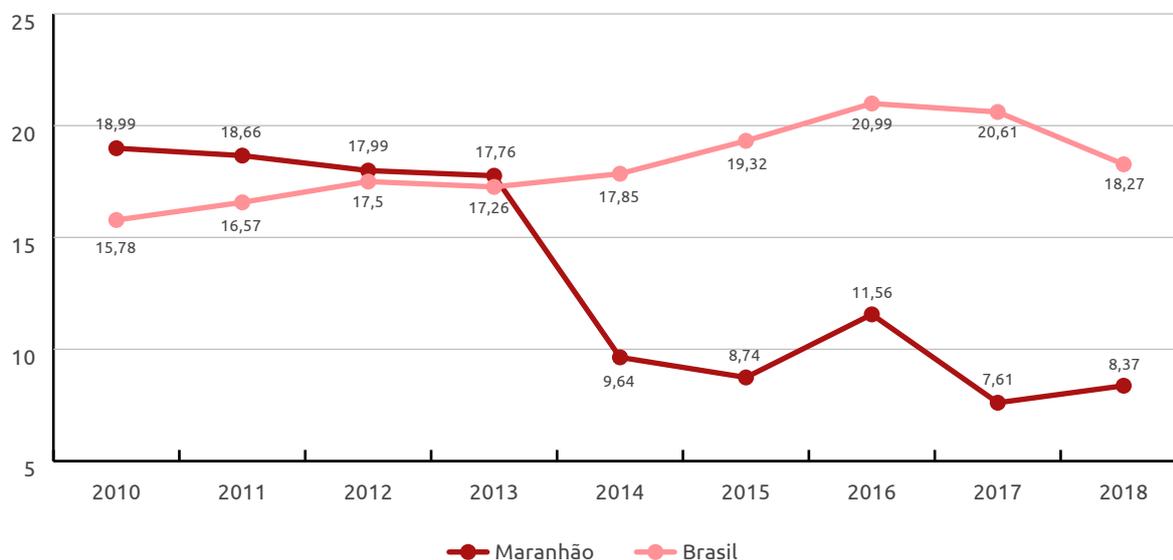
**GRÁFICO 11** - DISTRIBUIÇÃO (%) DA MASSA DE REMUNERAÇÃO PAGA PELAS INDÚSTRIAS DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS NO MARANHÃO E NORDESTE, 2018



### 3.6 DIMENSÃO NO CONTEXTO NACIONAL

O gráfico seguinte mostra a evolução da participação da indústria de Produtos Alimentícios no total Valor da Transformação Industrial no estado do Maranhão e no Brasil, no período de 2010 a 2018.

**GRÁFICO 12** - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO (%) DO VTI DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS NO VTI DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, NO MARANHÃO E BRASIL, 2010/2018



De um modo geral, a fabricação de produtos alimentícios, no Maranhão, participa do VTI total em escala menor do que a nacional, mas o que preocupa é a mudança de trajetória, especialmente após 2013, com este segmento industrial maranhenses entrando em descensão contínua até 2018, denotando grande sensibilidade à crise econômico-financeira do período 2014/2016. Em 2018, seu índice de participação é metade daquele registrado em 2013, quando se igualava ao do Brasil. As flutuações do indicador, em termos de Brasil, mostraram-se menos sensíveis.

#### 4. PERSPECTIVAS PARA O CONSUMO DE ALIMENTOS

Estudos recentes, divulgados pela FAO, organismo da ONU para a alimentação e agricultura, apontam que o mundo, em 2050, demandará muito menos comida do que era calculado antes, uma vez que Brasil e China vêm aumentando suas populações a um ritmo muito menor do que fora previsto. Outros países têm sua população crescendo mais lentamente e, no Japão e países da Europa, ela deverá diminuir no futuro.

Assim, de acordo com suas novas estimativas, o mundo precisará aumentar sua produção de alimentos na ordem de 60% até 2050. Mesmo reconhecendo que aumentar a produção de alimentos em 60% num intervalo de quarenta anos representa um enorme desafio produtivo, a FAO admite que grande parte desse aumento deverá ser obtido com elevação da produtividade, sem aumento proporcional no espaço cultivado.

Dessa forma, a demanda mundial por alimentos foi recalculada para 2,6 bilhões de toneladas, bastante expressiva em se considerando que a produção atual é da ordem de 1,64 bilhão de toneladas.

Para alcançar essa produção, no entanto, alerta-se que a demanda por água deverá crescer em torno de 40% e a de energia em 50%, o que aumenta a preocupação por espaço físico para produzir. Aumenta o desafio.

Ampliam-se as possibilidades para a produção e o consumo de pescados, que não dependem diretamente de terras, mas precisam de água em boas condições para a reprodução e desenvolvimento. A poluição de rios e mares tem sido crescente.

O Brasil possui grande potencial de produção nesse subgrupo, em razão de seu vasto litoral e das perspectivas dos criatórios em cativeiro. De norte a sul do país, consome-se pescado e esse consumo poderia ser maior não fosse elevado o seu preço, proporcionalmente a outras proteínas. Ainda assim, o consumo de pescados no Brasil cresceu entre 60% e 70% nos últimos 15 anos, de acordo com informações da FAO. O fortalecimento da alimentação escolar, nesse particular, poderia ser uma fonte aberta para expansão desse consumo.

De acordo com estudo do Datafolha, encomendado pelo Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC), a pandemia do novo coronavírus vem provocando mudanças nos hábitos de consumo. “Brasileiros e brasileiras de 45 a 55 anos estão consumindo mais alimentos ultraprocessados durante a pandemia. O consumo desses produtos nessa faixa etária era de 9% em outubro de 2019, enquanto em junho deste ano (2020) saltou para 16%”.

“O levantamento feito em 2020 abordou pessoas entre 18 e 55 anos pertencentes a todas as classes econômicas e de todas as regiões do Brasil, e revela que salgadinhos de pacote ou biscoitos salgados foram os produtos campeões de consumo em comparação com o levantamento realizado em 2019, subindo de 30% para 35% a proporção de pessoas que os consomem. O segundo lugar no ranking ficou para margarina, maionese, ketchup ou outros molhos industrializados, cujo consumo subiu de 50% para 54% em 2020”. (Agência Brasil, acessado em 26.05.21).

Estima-se que o Brasil possa ter 219 milhões de habitantes em 2026 e que para atender a demanda de leite para essa população seria produzir 37 bilhões de litros, supondo o mesmo nível de consumo atual (170 litros/habitante/ano), cifras muito expressivas num contexto mundial. O Brasil é o quinto produtor mundial de leite e o 4º maior consumidor, perdendo apenas para Índia, Estados Unidos e Rússia.

Os estudos sobre as tendências dos produtos alimentícios têm mostrado que as pessoas estão se preocupando, cada vez mais, com uma dieta que seja rica em nutrientes, demandando alimentos e bebidas com maior conteúdo de grãos integrais, de frutas, fibras, amêndoas, proteínas e vitaminas, assim como produtos com propriedades funcionais e que possam contribuir para aumentar a imunidade, melhorar a saúde cardiovascular, digestória, dos ossos etc.

Em contraposição, evitam alimentos com alto teor de gorduras, de calorias, de sódio ou de açúcares e, ao mesmo tempo, procurando manter controle do peso e da pressão arterial.

São comportamentos sempre mais presentes no dia a dia das pessoas. E as empresas estão levando em conta essas preocupações e adotam tecnologias que favoreçam a colocação no mercado de produtos com as qualificações exigidas pelos consumidores.

As autoridades da área de saúde, por sua vez, também adotam medidas de adequação de suas normas a essas mudanças, exigindo que sejam explícitas nos rótulos e embalagens, em letras legíveis, a composição dos produtos, assim como têm recomendado a fabricação de alimentos com menos sódio, gorduras e açúcares.

# CONCLUSÃO

As perspectivas para as próximas décadas mostram que o mercado de produtos alimentícios será cada vez mais complexo, com os consumidores mais exigentes por alimentos que lhes propiciem mais benefícios a preços mais acessíveis. Os mercados serão menos limitados por fronteiras geográficas, com oportunidades sempre maiores tanto nos mercados internos quanto externos, por meio das exportações.

Considerando que consumo e renda são positivamente correlacionados, na medida em que os padrões de renda familiar se elevem, o consumo de alimentos crescerá também buscando maior proximidade entre seus padrões, isto é, maior busca por itens de consumo qualitativo e grande apelo de sustentabilidade ambiental.

Para atender as exigências desse mercado futuro, as empresas terão que investir continuamente em novas tecnologias, na criação de novos produtos que possam agregar mais benefícios aos consumidores. “Redução de carbono ao longo da cadeia produtiva, o respeito aos animais, a utilização de materiais reciclados e naturais”, assim como produtos que gerem maior conveniência e praticidade, mais saudabilidade e bem-estar, fazem parte das exigências dos consumidores no mercado futuro.

A preocupação com a geração de produtos de maior valor agregado deixa de ser somente das empresas, passando a incorporar os critérios de seleção também dos consumidores.

De acordo com o relatório Brasil Food Trends 2020, divulgado pelo Instituto Tecnológico de Alimentos (ITAL), do governo de São Paulo, citam-se, em seguida, algumas características que têm sido mais valorizadas pelos consumidores, quando o foco é saúde bem-estar:

- Produtos benéficos ao desempenho físico e mental
- Produtos benéficos à saúde cardiovascular
- Produtos benéficos à saúde gastrointestinal
- Produtos para dietas específicas/restritivas/alergias alimentares
- Produtos com aditivos e ingredientes naturais
- Produtos funcionais (com valor nutritivo agregado)
- Produtos isentos ou teor reduzido de sal, açúcar e gorduras
- Produtos orgânicos
- Produtos energéticos
- Produtos minimamente processados

As preocupações com a saúde e o bem-estar e com a qualidade ambiental estão entre os fatores mais determinantes das tendências para a produção e consumo de alimentos nos próximos anos. Isto não tem regressão.

## **EQUIPE TÉCNICA**

### **Coordenadoria de Ações Estratégicas - COAES**

*José Henrique Braga Polary*

Coordenação e Redação

### **Coordenadoria de Comunicação e Eventos - COCEV**

*Itevaldo Ribamar Soares Costa Junior*

Coordenação

*Leonardo Sampaio*

Revisão

*Paulo Roberto Pereira Fonseca*

Diagramação

 [www.fiema.org.br](http://www.fiema.org.br)

 [sistemafiema](https://www.facebook.com/sistemafiema)

 [sistemafiema](https://www.instagram.com/sistemafiema)

